

FIAR COM... A FORMAÇÃO TECIDA NO ENCONTRO

Luciana Ostetto – UFF
lucianaostetto@id.uff.br

Marta Maia – UFF
marta965@globo.com

Cristiana Callai – UFF
criscallai@gmail.com

1. Um grupo de pesquisa que está a (con)fiar

Articulando ensino, pesquisa e extensão, o Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte – FIAR⁶⁹, tematiza a formação docente e, no entrelaçamento da arte e das infâncias, volta seu interesse e sua atuação para processos formativos e práticas pedagógicas no âmbito da Educação Básica, especialmente da Educação Infantil.

As formas de pensar a produção acadêmica, os temas das reuniões e dos estudos, os tempos de orientação e as relações que vamos tecendo com a escola pública, configuram uma dinâmica de trabalho circular e colaborativa, por meio da qual vamos fiando a identidade de um grupo que é constituído, além das professoras orientadoras, por estudantes de Graduação (orientandos de monografia, bolsistas de Iniciação Científica e de Extensão), orientandos de Mestrado e Doutorado e professoras da Educação Básica. Educação estética, arte e infância, narrativas autobiográficas, formação de professores, Educação Infantil, educação em museus, formação cultural de professores, formação estética docente, memória e escrita, memorial de formação estética, são palavras-chaves que revelam temas que estão sendo enfrentados pelo grupo (OSTETTO, 2019).

O círculo teórico-metodológico pelo qual temos nos movimentado contempla as abordagens narrativas e (auto)biográficas (JOSSO, 2004; DELORY-MOMBERGER, 2006, PASSEGGI, 2008; NÓVOA; FINGER, 2010, entre outros). A fundamentação dos trabalhos dialoga, também, com referenciais do campo da arte, da filosofia, da psicologia analítica, da literatura, da poesia, ampliando possibilidades de pensar-fazer-

⁶⁹ Grupo de pesquisa cadastrado no Diretório de pesquisa do CNPq. Para acompanhar nossas atividades, consultar: www.fiar.sites.uff.br

escrever pesquisa. Guia-nos, também, o desafio de produzir uma escrita outra, marcada pela estesia, pela invenção de uma escrita ave, como nos inspira Manoel de Barros (2016; 2017).

No espaço do presente artigo, trazemos para compartilhar o que temos fiado coletivamente no campo da extensão, tramando forma e conteúdo com pensamento e realizações; propostas de encontros e partilhas que se colocam como convite ao público interno e externo à universidade, de modo aberto. Trata-se de um projeto-ação que denominamos *FIAR com...*, impulsionado pela compreensão de que outros modos de fazer a formação continuada docente – que passe pela experimentação, pela pesquisa, pela possibilidade e liberdade da palavra, do movimento, da expressão, da criação – é exigência do tempo presente. Nesse caminho, buscamos articular princípios éticos, políticos e estéticos na formação docente.

2. Encontros de partilha e sensibilidades: *FIAR com...*

“Na trama de pesquisas e práticas, encontrar-se para tecer fios de conhecimento com sensibilidade, (com)fiar redes de trocas entre a universidade e a escola pública”.

A epígrafe anuncia a proposta e o compromisso formativo do projeto *FIAR com...*, modalidade formativa que vem sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa FIAR desde 2017. Criado com o intuito de provocar encontros com professores e gestores das redes públicas, alunos de graduação do curso de Pedagogia e outros interessados, pressupõe que as artes, em suas diferentes expressões, nos atravessam, reverberam e produzem linguagens; que outras formas de nos relacionarmos com o mundo, anunciando e afirmando a potência dos nossos saberes e fazeres coletivos, podem ser tecidas.

O trabalho desenvolvido pelo FIAR se ancora na percepção de que o contato com as artes, como campo de conhecimento, prática social e experiência, encoraja e propicia outros modos de pensar a realidade do mundo no qual vivemos, pode abrir espaço para diversos modos de expressão, provocar emoções, curiosidade e, também, criatividade e imaginação. Pois, como escreveu o arte/educador Eliot Eisner (2008, p. 16): “[...] a imaginação não é um mero ornamento, tal como a arte. Juntas podem libertar-nos de nossos hábitos enrijecidos”. Nessa direção caminha o grupo de pesquisa:

apostando na formação estética docente, tecendo saberes e fazeres sensíveis, no diálogo da educação com a arte, a cultura, os museus, (com)fiando espaços de beleza e inteireza de ser, entre universidade, escola e educação infantil públicas (OSTETTO; BONFIM; SILVA; MOTA; SOARES, 2018).

Considerando que nosso horizonte de atuação e diálogo se situa no contexto da Educação Básica, olhamos com mais vagar para a sua primeira etapa, para a professora e o professor de Educação Infantil, que trabalha cotidianamente com crianças dos zero aos seis anos, em creches e pré-escolas. Compreendemos que, para atuarem profissionalmente como mediadores e interlocutores de infâncias múltiplas, uma formação específica, articulada à cultura, é necessária. Uma formação, inicial e continuada, que requer, também, aprendizados de transver o mundo, como diz o poeta. Ou seja, apurar a sensibilidade, refinar o olhar, a audição, todos os sentidos, para poder ver, ouvir, sentir e acolher a criança em sua inteireza. Desse compromisso formativo com docentes e crianças da educação infantil pública se constitui o *FIAR com...*

Considerando que a pesquisa e a extensão precisam encontrar formas de inserção que dialoguem efetivamente, mas não de maneira prescritiva, com as práticas, a ação-formação *FIAR com...* se insere como uma possibilidade provocativa para que o fazer pedagógico, em especial com as crianças, seja mais sensível às múltiplas formas de expressão e compreensão do humano.

Desenvolvido por meio de encontros espaçados ao longo do ano, sem periodicidade fixa, com duração de horas, a referida ação-formação pode ocorrer dentro ou fora da universidade, preferencialmente em outros ambientes, pois consideramos o espaço físico é um elemento de aprendizagem, é um aspecto da formação estética.

Assim, os encontros assumem uma estrutura básica, sobre a qual cria-se um evento singular a partir da temática proposta e que articulará os fios da experiência: pensando conteúdo e forma como faces que se complementam, cada encontro ocorre em um local cuidadosamente escolhido e organizado detalhada e esteticamente, ao modo de compor um ambiente acolhedor, em íntima relação com o seu tema; sabores e aromas são também contemplados, no singelo cafezinho/lanchinho carinhosamente oferecido aos participantes; um convidado, externo ou do próprio grupo, dinamiza o diálogo; a divulgação é feita através das redes sociais e a inscrição é feita previamente, por meio eletrônico. Em pouco mais de dois anos foram realizados oito encontros que trataram da arte, das experiências estéticas e das memórias, articuladas à infância, de diferentes formas e enfoques.

Em 2017 foram realizados os quatro primeiros encontros: *FIAR com... arte na infância*, realizado em 31/05/2017 na Faculdade de Educação da UFF, teve como convidada a Professora Doutora Ana Angélica Albano (UNICAMP); *FIAR com... danças circulares*, realizado em 27/06/2017 no Espaço Avançado, Faculdade de Serviço Social da UFF, teve como convidada a Professora Doutora Yara Couto (UFSCar); *FIAR com... arte no museu*, realizado em 12/07/2017 no Museu Nacional de Belas Artes, teve como convidadas a Mestranda em Educação Simone Bibian (Setor de Educação do MNBA), a Professora Doutora Luciana Ostetto (PPPGE – UFF, Coordenadora do FIAR) e a Mestranda em Educação Cristiana Seixas (Psicóloga e Biblioterapeuta); *FIAR com... arte e formação de professores: perspectivas autobiográficas*, realizado em 01/11/2017 na Faculdade de Educação da UFF, teve como convidada a Professora Doutora Rosvita Kolb Bernardes (UFMG).

Em 2018 foram realizados dois encontros: *FIAR com... biblioterapia*, em 17/04/2018 no auditório da Fundação Municipal de Educação – FME, que teve como convidadas a Mestranda em Educação Cristiana Seixas (Psicóloga e Biblioterapeuta) e as escritoras de literatura infanto-juvenil Andrea Viviana Taubman, Margarete Amaral e Sandra Ronca; *FIAR com... bebês e educação*, em 29/08/201 no auditório da Creche do Colégio Universitário – COLUNI – UFF, que teve como convidadas a Professora Doutora Ângela Maria Scalabrin Coutinho (UFPR) e a Professora Doutora Nazareth Salutto (UFF).

Em 2019, até o momento em que escrevemos, foram realizados dois encontros: *FIAR com... estesias: por uma escrita ave*, em 26/06/2019 na Biblioteca Central do Gragoatá – BCG – UFF, tendo como convidadas a Poeta e Professora Mestra Fernanda Bortone e a Professora Doutora Cristiana Callai (UFF); e o *FIAR com... memorações: marcos e datas da infância*, em 16/09/2019 na Faculdade de Educação da UFF com a Professora Doutora Marta Maia (UFF).

A seguir falaremos de cada *Fiar com...*, tomando por base as anotações do Caderno de Registros que vem sendo produzido pelo grupo de pesquisa.

FIAR com... arte na infância.

Esse encontro inaugura a série de eventos nessa proposta e foi concebido para convidar ao diálogo sobre concepções e práticas de arte na infância e, sobretudo, na Educação Infantil. Naquela manhã de quarta-feira, a Sala Paulo Freire, da Faculdade de

Educação da UFF, transformou-se em um ambiente de múltiplas linguagens, com intervenções de fios e formas no espaço que o tornaram mais aconchegante. Falar de arte provocando sentidos. A exposição com palavras, fotografias e vídeos, conduzida pela convidada, suscitou provocações e conversas que deslocaram concepções por vezes simplistas da relação entre arte e educação. A participação dos que responderam ao chamado, entre estudantes de Pedagogia, professores de educação infantil e membros do grupo de pesquisa, contribuíram para a ampliação de olhares e significados relacionados à arte na vida de cada um e à arte na educação, seja escola ou educação infantil.

FIAR com... danças circulares.

Na organização do espaço para receber quem vem para um encontro do FIAR, beleza é fundamental. Nesse dia, a sala do Espaço Avançado, da Escola de Serviço Social da UFF se transformou em um aconchegante lugar – para se conversar e se dançar. Um centro cuidadosamente preparado com uma toalha rendada e sobre ela um vaso de orquídeas brancas, capturava a atenção de todas as pessoas que chegavam para o encontro *FIAR com... danças circulares*. Mas, o que são as danças circulares? Tal como hoje as conhecemos, as danças circulares trazem em suas raízes o passado longínquo da dança dos povos.

Como o próprio nome indica, as *danças circulares sagradas* são práticas de dança desenvolvidas em círculo, envolvendo simbologias, tradição e cultura de diferentes povos. Na roda, de mãos dadas, voltada para um centro comum, ao ritmo de suas músicas, nos passos e nos gestos desenhados no movimento coletivo, as marcas de tradições diversas são dançadas e acolhidas, são vivificadas no círculo. (OSTETTO, 2010, p.46).

Para o encontro do FIAR, foram dispostos ao redor do centro, mantas, cangas, panos coloridos e almofadas, convidando à aproximação, a sentar juntos. E nessa atitude, participamos do diálogo com a convidada, que falou sobre a experiência de trabalhar com as danças circulares na Universidade Federal de São Carlos, onde é professora, sobre alguns sentidos dessa prática e sobre sua pesquisa. As imagens que ela projetou completavam o conteúdo da exposição e, embalados pelas palavras que contavam histórias de percursos sensíveis, na pesquisa e na prática educativa com as danças circulares, o grupo que se fez presente foi construindo sentidos. A sala estava lotada! Para muitos, aquele era o seu primeiro contato com as danças. Na continuidade, o grupo alegremente aceitou o chamado para dançar, sob a focalização sensível e

envolvente da convidada, danças da Grécia, da Romênia, do Brasil e de outras procedências. Então, uma imensa e bela roda se fez. Foi uma experiência profunda e sublime, que reafirmou a essencialidade de se abrir caminhos para a recuperação do ser brincante, cantante, dançante que nos habita.

FIAR com... arte no museu.

Esse encontro oportunizou que professores estivessem de forma diferenciada em um museu de arte, refletindo sobre a relação de crianças e adultos com a arte e a formação estética. O local escolhido foi o Museu Nacional de Belas Artes, situado na cidade do Rio de Janeiro, local onde uma das dinamizadoras do encontro é responsável pela Seção de Educação. Uma rica tarde se iniciou com a *Roda de Conversa: crianças e professores no museu*, quando se refletiu sobre uma possível definição de conceito de museu, a história do Museu Nacional de Belas Artes, a origem de seu acervo e as ações da Seção de Educação. Depois, para refletirmos sobre a visita a um museu de arte, foram exibidos dois curtas: um foi Bandamargem, de Elisa de Magalhães (professora da Escola de Belas Artes/UFRJ) e outro foi parte do trabalho de campo da pesquisa de mestrado sobre visita de crianças ao museu (BIBIAN, 2017). Após a socialização das reflexões suscitadas pelos filmes, os participantes foram convidados ao lanche. A esse seguiu-se a *Oficina Poetizar no museu*, que teve início com uma roda de dança circular, que sensibilizou o grupo para seguir em visita à Galeria de Arte Brasileira do século XIX, durante a qual deveriam escolher uma obra que lhes chamasse a atenção. As sensações, lembranças e curiosidades provocadas pela visita foram socializadas na roda de conversa que se seguiu, permeada por provocações poéticas trazidas por Cristiana Seixas, encerrando o encontro.

FIAR com... arte e formação de professores: perspectivas autobiográficas.

Mais uma vez nos encontramos na Sala Paulo Freire, da Faculdade de Educação da UFF. Como sempre, o ambiente foi preparado com cuidado e intencionalidade. Acima da porta de entrada havia um pano pendurado, inspirado na cultura oriental, de convidar à consciência de sua presença e de reverência, pois, ao passar pelo pano, era necessário inclinar-se, sinal de respeito para entrar no espaço. No pano estava escrito: “Esta é minha memória. Dela sou a que nasce, mas também sou a parteira,” de Eliane Brum, no livro “Meus desacontecimentos”; assim que se passava esse portal,

caminhava-se por um pequeno corredor de espelhos, chamando à atitude de olhar para si: quem eu vejo? Quem me vê? Borboletas de papel coloridas foram espalhadas pela sala: nelas os participantes poderiam escrever mensagens, palavras poéticas, sentimentos, impressões, para alçarem voo. Na mesa da convidada que conduziria o encontro, havia flores de pano que remetiam ao artesanato mineiro, lembrando, e homenageando, a professora convidada, que vinha de Belo Horizonte. A compor o espaço também havia panos bordados, almofadas, aroma de capim-limão, lanche farto e versos enfeitando a lousa que estava na sala, como por exemplo: “Escrever é feito de casca e pérola”, de Manoel de Barros. Nossa convidada, após ressaltar o cuidado e os detalhes do ambiente, começou por apresentar imagens que contavam de seus percursos no ensino de Arte e da sensibilidade que foi cultivando na relação com os professores. As diferentes linguagens e formas de expressão que foram compartilhadas, foram despertadas e produzidas a partir de elementos biográficos. Pelas manifestações do público presente, o tema abordado, o espaço e o conteúdo apresentado foram muito mobilizadores. Várias participantes compartilharam fragmentos de seus percursos biográficos, tecendo reflexões cheias de significados. As ressonâncias do que reverberou em cada um puderam ser anotadas nas borboletas de papel colorido que estavam à disposição dos participantes. Algumas reverberações-palavras: “Aprender a ouvir; Escutar é preciso!; Conhecer a si para dialogar com o outro; Descolonizar a arte!; Identidade; Celebrar o encontro com o outro e comigo; A arte trabalha no limite da linguagem. Ela recria, interliga, expressa o que existe de mais profundo no ser humano; As coisas que fazemos, que escrevemos, têm que fazer sentido. Não posso esquecer disso. Obrigada FIAR. Preciso resgatar o meu sentido; O que vivi também é formação, me deixem falar de mim!; “Como me desporto corporalmente; Cuide-se!; Cuide-se!; Cuide-se!; Só bato continência pra cisco, pedra e árvore; Olhar sustentável potencializando processos de criação; Nossa escrita precisa revelar nossos desejos; Narrar-se; Cuidados; Entrelaçar sentidos e pensamentos; Que sejamos livres para contar, ouvir, cantar, amar... Que nossas histórias definam nossas histórias; Qual é a minha forma de dizer?; Saio reabastecida e com muitas novas ideias”. Enfim, fecundados desejos e possibilidades, o encontro terminou com energias em ebulição.

FIAR com... biblioterapia.

Realizado em uma manhã no auditório da Fundação Municipal de Educação de Niterói. Nesse encontro a Bibioterapeuta Cristiana Seixas realizou uma Oficina de Leitura e Escrita seguida de Roda de Conversa com as escritoras Andrea Viviana Taubman, Margarete Amaral e Sandra Ronca. O local escolhido, situado em um prédio tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC), oferecia aos participantes o convite à apreciação estética por sua arquitetura com curvas, vitrais, arabescos e detalhes do tempo. Sua beleza se complementou com o varal de poesias e os estandartes de pano. A experiência de ser envolvido em arte e poesia seguiu no canto da Professora/Poeta Liliane Balonecker e na feitura artesanal dos cadernos de escrita de si. Foram abordadas as narrativas autobiográficas como veículo de apropriação dos processos formativos na história de vida, intercaladas pelas palavras ditas sobre a escrita por poetas como Manoel de Barros, Bartolomeu Campos de Queirós, Viviane Mosé, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, dentre outros. A história "Olhos de violino", de Márcia Cristina Silva, foi contada seguida do convite para cada participante escrever sobre encontros impactantes com a arte e suas ressonâncias e compartilhar com o grupo. As autoras presentes acresceram o encontro de grande emoção ao narrarem os temas e condições de escrita de seus livros. Andrea Taubman falou sobre seu livro "O menino que tinha medo de errar" e de como a escrita do livro a ajudou a superar as cobranças externas e internas de padrões inalcançáveis de perfeição. Margarete Amaral mostrou seu caderno de infância, onde registrou a história da "A garrafa e a rolha", escrito quando tinha seis anos de idade e que foi a semente de seu livro, publicado em 2016. Sandra Ronca mostrou o processo de feitura do livro "Tenho um amigo", que foi fruto da travessia do luto pela perda de seu filho Hugo, morto por bala perdida no pátio da escola.

FIAR com... bebês e educação.

Esse encontro foi realizado no auditório da Unidade de Educação Infantil do COLUNI-UFF, que foi organizado e ambientado com almofadas, panos e colchonetes dispostos no espaço, no centro do qual estava uma roda de livros de literatura infanto-juvenil, provocando olhares e leituras. Concepções teóricas, pesquisas e práticas com bebês estavam em pauta. Em forma de exposição dialogada, as professoras convidadas apresentaram suas pesquisas e suscitaram reflexões sobre questões que perpassam a

vida dos bebês e suas relações com os adultos, dentro e fora de instituições de Educação Infantil.

FIAR com... estesias: por uma escrita ave.

Partindo do desejo de realizar um encontro no qual a escrita poética envolvesse os participantes e todos os sentidos, a proposta se projetou como um convite a olhar para o ínfimo, os desperdícios e os despropósitos. Nesse encontro, a proposta-desafio era criar a ambiência poética na qual todos se sentissem propensos a degustar e criar textos poéticos. Duas profissionais comprometidas com a linguagem e a sensibilidade apresentam suas referências constituintes: a primeira se encontra com a poesia através e a partir da maternidade, ali a poesia a abarca com a vida; a segunda se constitui poeta desde menina, definida como tal precocemente pela mãe ao perceber a poesia que habita sua vida. Desta vez, foi o Espaço Cultural da Biblioteca Central do Gragoatá – BCG – UFF que nos acolheu. E tinha tudo a ver com a proposta desejada! Esse espaço, localizado no térreo da biblioteca, é composto de duas salas interligadas, tendo um piano em uma delas. O piano suscitou ideias: vamos inserir na programação do encontro uma sessão musical! Sim, levamos adiante a proposta e no dia marcado os participantes foram recepcionados com a delicada música entoada no piano, que recebeu as mãos generosas de um estudante de música que aceitou colaborar com o encontro do FIAR. E fez toda a diferença! A música preencheu o espaço e, a medida que os participantes iam chegando, aproximavam-se da roda que se formou ao redor do piano e pianista. Algumas composições puderam ser acompanhadas pelas vozes de todos que ali estavam, entoando Vinicius de Moraes, em um belo coro formado despretensiosamente mas com alma. O espaço foi organizado com panos coloridos, poesias, livros, uma bacia com água aromatizada, objetos que remetiam ao tema: voar com/na/pela poesia. Foram disponibilizados papéis de diferentes tamanhos, cores, texturas, lápis, hidrocores. Uma bonita mesa oferecia um lanche saboroso. No decorrer do encontro, debruçamo-nos sobre os sentidos provocados pelas palavras nas poesias de Manoel de Barros, encontramos no percurso das palavras que compõem seus escritos a reverência à simplicidade. E ao entoar as palavras do brejo, dos pássaros ou caramujos, os sentidos foram sacudindo poeiras às palavras fatigadas de explicar, porque em suas composições, Manoel nos convida a transver o olhar. Na poesia, as palavras vão além da informação, pois nelas habita o canto, “para cantar é preciso perder o interesse de informar”

(BARROS, 2017, p.43). Nessa dinâmica produzida pela voz do poeta, que é a poesia, a criança escuta a cor do passarinho, potencializa a palavra com sua visão criadora, não sequencial, liberta a palavra da escravidão obediente, inaugura mundos, cria reinos e personagens para habitá-lo (CALLAI, 2019). No prefácio do livro *Meu quintal é maior que o mundo*, José Castello diz que o objetivo da poesia de Manoel de Barros não é explicar, mas “desexplicar”. Diz ainda que sua poesia “se desenrola além da razão e de seus bons argumentos. Talvez, seja por isso que é uma poesia que se apega à infância, momento da vida em que todos os sentidos estão por se fazer” (BARROS, 2016, p.9). O horário do evento permitiu que o público fosse em sua maioria professoras de educação infantil da rede municipal de Niterói, mas também alunos do curso de Pedagogia da UFF e usuários da biblioteca que, ao chegarem ao local, se sentiram convidados pela surpresa estética que encontravam. Após a recepção visual, olfativa, gustativa e auditiva proporcionada, os participantes foram convidados pelas dinamizadoras a fluir com a poesia com as suas narrativas e leituras. Em seguida todos puderam apresentar em palavras ditas ou escritas e registros gráficos outros a sua própria expressividade poética.

FIAR com... memorações: marcos e datas da infância.

O desafio aqui foi trazer uma discussão comumente teórica para a memória afetiva e dela retomar à análise. Trazer das memórias a crítica a um calendário escolar que prima em se organizar prévia e tradicionalmente por datas de um calendário oficial, que não dialoga com as infâncias que transitam na escola (MAIA, 2016, 2017), foi o objetivo a ser alcançado pela dinamizadora Marta Maia, que desenvolve a discussão acerca desse tema em suas pesquisas. Para a avivar a memória, o ambiente foi organizado em pequenas ilhas de brinquedos. Os participantes, alunos do curso de Pedagogia da UFF, professores e gestores de redes municipais de educação, foram recebidos com um saboroso lanche enquanto vídeos de animação das músicas O trenzinho do caipira (Villa Lobos) e Bola de meia, bola de gude (Milton Nascimento e Fernando Brant). Em seguida foram convidados a brincar. Após um período de brincadeiras e narrativas nas pequenas ilhas/grupos, a dinamizadora solicitou que pensassem nas suas infâncias, nos momentos que marcaram, nas datas que trazem na memória. Posteriormente foram provocados a socializar essas memórias oralmente e a registrá-las em desenhos ou palavras em papéis disponibilizados para esse fim. Esses

registros foram organizados pelos participantes em quadro dividido pelos meses do ano, formando, então, um calendário centrado nos sujeitos. A partir desse calendário foram feitas as análises sobre o conteúdo de suas memórias – nenhuma delas se referia a eventos ou situações escolares, relacionando e contrapondo o calendário produzido com essas memórias e o calendário escolar centrado em datas convencionais.

3. Fiando com o outro, fazendo formação continuada: algumas reflexões

Caminhar por veredas que articulam pesquisa autobiográfica, arte, formação estética, infância e formação docente, fazendo pesquisa, ensino e extensão, requer o cultivo de um estado que se configura “[...] como um alcançar uma nova capacidade afirmativa e uma disponibilidade renovada para o jogo e para a invenção” (LARROSA, 2003, p. 46). É estar aberto para exercícios de reinvenção da vida, da educação e da profissionalidade docente, tecendo um trabalho coletivo, dialógico, inscrito no campo da sensibilidade: formação estética.

Como sabemos, o termo estéticatemorigem na raiz grega *aisthesis*, “[...] que significa sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos ou conhecimento sensível-sensorial” (HERMANN, 2005, p. 25). E então, quando falamos de formação estética, estamos falando de processos e experiências que envolvem e desencadeiam percepção, imaginação, interpretação, contribuindo para alargar a sensibilidade (PERISSÉ, 2009), cultivada na interação do homem com a arte, a cultura e a natureza; processos que, por consequência, podem provocar deslocamentos, engendrando outros modos de atuar no mundo, de viver e dar sentido à vida.

Os encontros *FIAR com...*, inscritos nesse processo de pesquisa e formação que se guia pelos fios da ética, da política e da estética, idealizados por um círculo de estudo e pesquisa na universidade, abrem espaço para nos aproximarmos e tecermos relações de empatia e compromisso com a escola pública; contribuem para pensarmos em outros modos de fazer formação docente, nas modalidades inicial e continuada, que articulem sentimento e pensamento, sensação e intuição (JUNG, 1991), focalizando a inteireza de ser. Modos que criem oportunidades de transformação de si, pela experiência do encontro, da narrativa, do fazer, artesanal e esteticamente projetados.

E assim vamos seguindo, na resistência e na insistência, (con)fiando caminhos, dando importância às margens, ao ínfimo, à poesia, à beleza, ao coletivo, ao diálogo, à escola pública, aos professores e às professoras, à educação infantil.

Referências

- BARROS, M. **Meu quintal é maior que o mundo. Antologia.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.
- BARROS, M. **Menino do mato.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- BIBIAN, Simone. **Crianças e professoras no museu: narrativas no encontro com a arte brasileira do século XIX.** 2017, 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ. 2017
- CALLAI, C. Habitar o mundo na poesia. In: II Congresso de Estudos da Infância: politizações e estesias. UERJ. Rio de Janeiro. 2019.
- DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago. 2006.
- EISNER, E. E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008.
- HERMANN, N. **Ética e estética: a relação quase esquecida.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.
- JUNG, C.G. **Tipos psicológicos.** Petrópolis: Vozes, 1991.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 4ªed.
- MAIA, M. Isso é o que eu não sei responder -O currículo na palavra das crianças. Trabalho apresentado no Seminário Vozes da Educação, UERJ, São Gonçalo/RJ, 2016.
- MAIA, M. Datas comemorativas – uma construção ideológica que persiste na educação infantil. Trabalho apresentado na **38ª Reunião Nacional da ANPEd – GT07, UFMA – São Luís/MA**, 2017.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- OSTETTO, L. E. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. 2010.
- OSTETTO, L.; BOMFIN, P.; SILVA, V. MOTA, X.; SOARES, A. Arte, infância e formação docente tecidas em narrativas: percursos do grupo de pesquisa fiar. Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. São Paulo, UNICID, 2018.

PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

PERISSÉ, G. **Estética e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.